

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 9 de março de 2011

*Texto de referência: L. Giussani, O Senso Religioso,
Capítulo II (Segunda premissa: razoabilidade),
Editora Universa, Brasília-DF 2009, pp. 31-43*

- *Errore di prospettiva*
- *Lela*

Glória

Carrón: Lançamos duas perguntas para nosso trabalho desses quinze dias: quando nos surpreendemos usando verdadeiramente a razão (isto é, como consciência da realidade segundo todos os seus fatores) e quando percebemos a razoabilidade no nosso modo de agir? São perguntas que convidam cada um de nós a verificar na experiência quando isso acontece, segundo o método que Dom Giussani nos ensina desde o primeiro capítulo: que o ponto de partida para trilhar o caminho se chama experiência.

Colocação: *Queria dizer uma coisa exatamente sobre esse método, porque decidi fazer Escola de Comunidade nesses quinze dias respondendo a essas perguntas, antes de tentar entender o conteúdo do texto. O que aconteceu? Nos dois primeiros dias eu já tinha respondido porque dizia: “Nunca”. Isto é, tive muita dificuldade diante dessas perguntas. E isso me levou a retomar o conteúdo também. Retomando o conteúdo, e sobretudo lendo todos os exemplos que ele faz sobre a razoabilidade, compreendi que nunca entendi que a razoabilidade é uma exigência, e portanto, eu cometia o erro de traduzir sua pergunta assim: quando consegui usar a razão? E, portanto, estava presa, porque obviamente a resposta para isso é: nunca. Enquanto a razoabilidade é uma exigência! Por causa disso tudo mudou, porque comecei a tentar descobrir quando senti a necessidade da totalidade dos fatores e então, sim, comecei a responder, mas a partir do fato de que finalmente, pela primeira vez, senti a razoabilidade não como uma necessidade mas como uma exigência. Descobri que o conhecimento verdadeiro de uma coisa acontece através de um encontro, porque no início eu precisei aceitar que não estava tudo claro e que precisava começar a responder essa pergunta.*

Carrón: Agradeço, porque isso nos introduz ao tipo de trabalho que estamos tentando aprender, porque você – sei bem disso – já conhecia bem a premissa, o que é a razão, o que é a razoabilidade. Mas aquilo que levou você a retomar também o conteúdo daquilo que o texto diz foi a percepção de uma exigência. No último encontro eu percebi que muitas vezes a dificuldade que temos em dar um juízo é a mesma: pensamos no juízo como algo acrescentado, colado ao real (e, então, dizer que é preciso julgar é algo para pessoas que complicam a vida). E se alguém sair daqui com essa convicção, mesmo que aprenda “o que é” o juízo, não lhe serve para nada. Mas se vocês têm um amigo ou uma pessoa querida ou a mãe com sintomas de uma doença grave e começa a fazer os exames para ver do que se trata, vocês precisam do juízo ou não? Ou vocês acham que isso é algo colado? Que o importante é seguir em frente e que podemos passar por cima do juízo? Quando a vida pede o juízo, é uma necessidade, uma urgência: preciso saber se minha mãe tem um tumor ou não! Julgar é uma necessidade! Se não entendemos isso, se não percebemos isso na experiência, mesmo que estudemos muito todas as passagens do primeiro capítulo, permanecerá sempre como algo para aqueles que complicam as coisas, e certamente não o sentiremos necessário para uma libertação. Podemos agir assim tanto em relação às grandes questões quanto às pequenas preocupações: quantas vezes, durante esses quinze dias, vocês sentiram a urgência de julgá-las? Muitas vezes suportamos as circunstâncias, estão ali nos ameaçando, tornando a vida pesada e não as olhamos no rosto, não as julgamos, e por isso nunca experimentamos a libertação. Podemos ter lido e relido todo o primeiro capítulo de *O Senso Religioso*, mas se isso não acontece, não o

aprendemos. Pensei em uma coisa enquanto ouvia você falar, lembrando de algumas das exigências que vocês escreveram nos e-mails – chegaram mais de duzentos: isso quer dizer que quando somos solicitados, começamos a trabalhar –. Por exemplo, muitos estão preocupados de que estejamos indo muito depressa. Pode ser verdade, mas o que me interessa, em relação a isso, é que percebamos um erro: não é que ficarmos repetindo por mais tempo as definições certas nos faça por si só chegar a usar a razão de uma maneira mais verdadeira. De fato, muitos de nós sabemos o conceito verdadeiro de razão. Tenho certeza de que se eu perguntasse “O que é a razão segundo Dom Giussani?”, todos me diriam: “Consciência da realidade segundo todos os seus fatores”. Não é verdade? Todos. Mas alguém que sabe o conceito verdadeiro de razão pode continuar a ser racionalista, isto é, a usar a razão segundo uma medida! Esse é o problema. E por isso, na apresentação, dissemos que é a contemporaneidade de Cristo que permite à razão toda a sua abertura, permitindo chegar a uma inteligência da realidade antes desconhecida: cada circunstância, cada coisa, mesmo a mais banal, é exaltada, entendemos todo o seu alcance. Mas, quem nos permite usar a razão desse modo? Ler com mais atenção *O Senso Religioso*? É um estudo mais aprofundado que nos faz fazer automaticamente a experiência das palavras de Dom Gius?

Colocação: *Assim que eu li a pergunta que você fez duas semanas atrás, a primeira coisa que pensei foi que é impossível. Ter consciência da realidade segundo todos os fatores é uma utopia. E estava fechado sobre uma imagem que eu tinha de razão como medida, isto é, como capacidade de fazer uma relação analítica de todos os fatores descritivos daquilo que acontece diante de mim. Mas o que, depois, me libertou dessa imagem, foram duas experiências em que vivi a razão não segundo a imagem que eu tinha dela, mas segundo a sua natureza. A primeira experiência foi a que vivi no final de semana da Assembleia de Responsáveis da Itália, em Pacengo.*

Carrón: A Página Um da revista *Passos* de abril será sobre essa Assembleia: sugiro que leiam.

Colocação: *Ali, diante de mim, aconteceu um fato que era tão fascinante, tão totalizante, tão “para mim”, que a única coisa que precisei fazer foi dar-me conta daquela Presença que estava acontecendo, isto é, dar-me conta mais uma vez de que Cristo é Memor mei (apesar de toda minha mesquinhez). E, como você dizia no Palasharp: “Na fé cristã, não há uma razão que explica, mas uma razão que se abre – percebendo-se tão profundamente realizada em sua dinâmica – à própria revelação de Deus”. E, diante do fato de Cristo, isso reaconteceu com uma evidência que é impressionante, sobretudo quando diz que a razão se realiza na sua dinâmica. Fiz experiência disso porque eu coincidia comigo mesmo ali, como desejo de ser feliz, como capacidade de reconhecer que Cristo é verdadeiro, é real, ressuscitou, não porque nós dizemos isso, mas porque eu posso reconhecê-Lo na realidade. E então, dentro dessa experiência, percebi que é essa passividade em reconhecê-Lo como aquilo pelo qual sou feito, porque quando acontece nos damos conta de que a razão é essa abertura para reconhecê-Lo quando irrompe na vida. A segunda experiência é a seguinte: sábado à noite estava jantando com um grupo de universitários e a certo ponto um deles me contou que há cerca de um ano um amigo seu morreu em um acidente de carro e que há alguns meses outro amigo, mais ou menos da mesma idade, se suicidou. O que se pode dizer diante de um drama assim? A vertigem era tão grande que num primeiro momento me pareceu não poder dizer nada razoável, profundamente verdadeiro. Mas o que reconheci, também ali, foi mais uma vez isso: que em mim, antes de mais nada, há um fator que é irredutível, que eu sou, agora, relacionamento com o Mistério, pelo fato de que eu existo, pelo fato de que existo e pelo fato de que tenho um desejo de significado que supera tudo o que está à minha volta. Eu sou relacionamento com o infinito agora, e este meu núcleo, do qual me dei conta desde que encontrei Cristo há um ano e meio, não pode morrer, não pode ser eliminado, porque não se reduz a este mundo. E este núcleo que está em mim, que eu sou, é a verdade daqueles dois meninos que morreram, não acabaram no nada. Disso tenho certeza: nem a morte é capaz de romper o nexo que eu vivo com o Mistério. E, reconhecer esse nexo naquela noite foi, para mim, usar a razão de maneira verdadeira, isto é, reconhecer a totalidade daquele fato que foi colocado diante de mim. Realmente eu não sabia nada da vida deles, nem seus nomes, mas percebê-los como sendo feitos e desejados por um Outro foi reconhecer a realidade em sua totalidade. Última coisa: isso, para mim, é outro sinal da*

pertinência da fé com as exigências da vida, isto é, que a minha razão permanece aberta sem sucumbir à dor, à vertigem diante de um fim de semana, isto é, do impor-se de Cristo na minha vida.

Carrón: Obrigado. Se olharmos para essas duas experiências, o que elas nos dizem? Que a razão consegue ser verdadeiramente si mesma diante de um fato que a toma totalmente (por isso Giussani continua dizendo que João e André são exemplos da inteligência, dessa razão que se abre, que se realiza) ou diante da morte, onde ela clama totalmente. Não é a repetição de um conceito de razão, é ver acontecer esse conceito de razão do qual, depois, Dom Giussani nos dá a definição. Mas, de onde Dom Giussani tira o conceito de razão? E, nós, de onde podemos tirá-lo? Do reconhecimento da experiência que fazemos. E então a pessoa entende o conteúdo do texto e quando o lê, diz: “Ah! É isso”. Nós ainda não entendemos essa passagem que tentamos explicar na apresentação do livro (e como todos vocês esperavam que eu “explicasse” *O Senso Religioso*, ficaram perdidos) porque o que Dom Giussani nos diz é que não somos capazes de despertar em nós o senso religioso, despertar em nós a razão, despertar em nós a exigência do nosso eu e toda a nossa liberdade; e que, para isso, é necessário Cristo, que somente Ele desperta o senso religioso, o educa e o salva. Por isso, a educação ao senso religioso está acontecendo constantemente no modo com o qual vivemos a vida. A questão é se nós estamos atentos àquilo que acontece e, então, podemos começar a entender o que Dom Giussani diz. E podemos pegar o texto novamente, relê-lo, e cada palavra adquire uma carnalidade. O método não é diferente daquele que dissemos em relação a Bíblia, citando Santo Agostinho: “Nos nossos olhos os fatos, nas nossas mãos os códigos”. O trabalho que proponho a vocês – e que Giussani propõe – é esse. Se nos diz que não somos capazes de despertar todo o senso religioso, o diz por causa da consciência que tem e que lhe permitiu escrever *O Senso Religioso*: porque algo aconteceu a ele que fez com que entendesse. Então: nos nossos olhos os fatos. E com os fatos nos olhos podemos reler o texto e, então, entendê-lo – e pararemos de dizer que o texto é complicado, porque só é complicado para quem altera o método –. Que aconteça algo que abra tudo para você e lhe deixe sem palavras não é só difícil, é impossível. Mas, quando acontece, é muito fácil, embora não possamos gerar o fato. E, então, entendemos que o verdadeiro conceito de razão é a razão que se abre e entende como nunca antes que existem todos os fatores. Como quando nos apaixonamos. Não é a análise de tudo (os cabelos mais que o rosto, mais que a altura), mas é a capacidade de perceber a realidade em todos os fatores de modo que entende o que tem diante de si como nunca aconteceu antes, que a razão, como nunca antes, se torna razão. Nunca, como naquele momento a razão realiza sua natureza de razão: consciência da realidade segundo todos os fatores. É essa exaltação que a experiência religiosa, cristã, torna possível. Leio para vocês como isso, depois, torna-se uma tensão a entrar em tudo, por exemplo, no trabalho: “Caro padre Carrón, quero antes de mais nada dizer que acho muito útil as perguntas que nos colocou como passos do trabalho. Saio de casa de manhã com essas perguntas, desejando ver como o Mistério se mostra na experiência. Percebi que é exatamente a atração de Cristo que facilita aquela abertura que seria impossível sem Ele. Começo a fazer experiência daquilo que você nos lembrou na apresentação de *O Senso Religioso*, isto é, que a contemporaneidade de Cristo consente, assim, à razão toda a sua abertura permitindo-nos alcançar uma inteligência da realidade antes desconhecida. Cada coisa, cada circunstância, mesmo a mais banal é exaltada, se torna sinal, fala, é interessante para a vida. São muitos os pequenos fatos em que percebi em mim essa posição de abertura em relação ao trabalho, à família, aos amigos. Por exemplo, recebi uma ligação de um cliente que precisava de ajuda sobre uma coisa que não é do meu setor, então eu estava dizendo a ele que iria passar para um colega que se ocupava daquela questão. Imediatamente ele me interrompeu e disse que estava ligando há vinte minutos e que todas as vezes tinham lhe dito isso. Entendi que era um daqueles problemas que ninguém quer assumir porque é chato, e um começa a passar para o outro. Naquele momento, lembrei-me da experiência de uma amiga que me contou como estava aprendendo com cada pessoa aspectos da empresa em que trabalha, e isso era possível exatamente por causa uma postura de abertura que lhe permitia olhar para cada aspecto com uma atenção e uma inteligência impensáveis. Imediatamente, eu como que captei que aquele era um pequeno pedaço da realidade para ser olhado, para ser conhecido e não para ser eliminado só porque era chato. E só se alguém começa a

fazer isso pode experimentar que a vida não é antes de mais nada para ser suportada, que há uma possibilidade de ganho, de interesse para si”. Isso pode acontecer no trabalho ou pode acontecer no estudo.

Colocação: *Para responder às duas perguntas – quando descobrimos em nós um uso verdadeiro da razão e quando percebemos uma razoabilidade no nosso modo de agir – queria contar um fato. Formei-me há duas semanas em um curso de três anos com uma tese sobre a Rússia em Clemente Rebora. O objetivo do trabalho era o de tentar entender o que tinha levado o poeta a se interessar pela cultura russa e o que o tinha fascinado dessa cultura. É opinião muito comum dos poucos artigos relativos a esse seu interesse, que ele se aproximou da Rússia graças à relação com uma pianista russa mas, para mim, parecia uma explicação insuficiente, que não exauria as perguntas que eu tinha sobre o porquê de tanto envolvimento com essa cultura e sobre como ele poderia preferir alguns autores a outros. Lendo as cartas de Rebora, comecei a formular algumas hipóteses e intuições que lentamente se tornavam mais concretas, mas sempre relutava em dizê-las e esperava encontrar a confirmação das minhas hipóteses em algum crítico seguramente mais entendido do que eu, que soubesse mais sobre o assunto, e dizia a mim mesmo: “Se ele, que sabe mais, não diz isso, quem sou eu para dizê-lo?”. Mesmo diante dos fatos evidentes era como se eu tivesse medo de dizer a minha conclusão, se antes algum especialista não a confirmasse. Fui, então, falar com um professor da minha universidade que escreveu muitos livros sobre o tema e expus minhas considerações, esperando que me apoiasse, mas ele respondeu que eu estava indo pelo caminho errado, que era melhor fazer um trabalho mais técnico e que o único, real motivo que Rebora teve para se aproximar da Rússia foi a mulher pela qual se apaixonou. Saí dali convencida das suas palavras e me lancei no trabalho tentando mostrar os fatos que ligavam Rebora à Rússia. Esses laços eram cada vez maiores, mas a minha pergunta sobre o porquê de tal envolvimento, para entender o que ele via de tão interessante não me deixava. Ao contrário, exatamente por causa de um estudo mais aprofundado, se fazia cada vez mais forte. Decidi, então, levá-la em consideração e tentar respondê-la seriamente. Abriu-se, assim, um campo interessantíssimo, que me fez ir a fundo nesse estudo e encontrar verdadeiramente o poeta. Enfim, fiquei impressionada como dentro de uma comissão de filólogos que poderiam criticar muitos aspectos do meu trabalho, ninguém pôde dizer nada, pelo contrário, eu pude acrescentar algo por causa desse estudo. Mesmo que eu não seja a especialista máxima em Rebora, posso dizer que realmente o conheço, que realmente o possuo. Durante esse trabalho, muitas vezes me perguntei o que significava ser cristã dentro desse trabalho de escrever uma tese e o que Jesus tinha a ver com tudo isso. Frequentemente, tentei colocar uma etiqueta e dizer: “Jesus”, mas nada mudava, a não ser um entusiasmo sentimental que durava pouco. Mas, tornou-se evidente para mim que uma inteligência tal sobre o estudo eu não me dei sozinha (porque normalmente vejo como eu fico na superfície) e também não é fruto de um conhecimento total sobre Rebora (porque – repito – não sou uma especialista). No entanto, percebi em mim uma razão que foi capaz de dar-se conta de todos os fatores em jogo e que me permitiu não eliminar as perguntas que eu tinha diante daquilo que estudava. Percebi que aquele cêntuplo aqui do qual falamos não é algo abstrato, mas é essa posse mais verdadeira.*

Carrón: Este é um exemplo de como o fato que nos aconteceu pode nos fazer usar a razão de um modo que não se detém no “já sabido” dos outros, mas continua a viver essa tendência de entrar na realidade tendo presente o desejo de abraçar todos os fatores, mesmo aqueles que os outros já descartaram. E podemos fazer isso em cada aspecto da realidade. Exatamente sobre isso, leio ainda o que um de vocês escreveu: “Quando nos surpreendemos usando verdadeiramente a razão? Penso em todas as vezes em que me acontecem momentos de uma tristeza melancólica. Nesses momentos, o olhar que tenho sobre a realidade que se chama ‘eu’ tende a ser pessimista, desiludido. Então, ser razoável significa me perguntar: ‘Eu sou aquilo que estou vendo agora, sou apenas o estado de ânimo que me domina?’. A resposta é ‘não’. Não, porque eu sou desejo daquilo que o próprio incômodo documenta. Sou uma história que tem muitos momentos positivos, tenho relacionamentos para os quais posso olhar, sou destinado a um bem que já comecei a saborear. Ser razoável significa

levantar o olhar, não para me iludir, mas para ver coisas que o estado de ânimo ofusca. Então, me dou conta de que naquele momento também estou verificando a verdade da fé, porque não ter medo do desejo infinito é uma coisa que me é constantemente ensinada, despertada. A positividade da minha história de homem vem toda do encontro que fiz, a certeza do destino bom me é testemunhada pelo meu já longo caminho no Movimento e por muitos exemplos que tenho em volta. Então, posso concluir que também os momentos de melancolia são uma etapa do caminho e assim, acontece em mim a surpresa de experimentar aquilo que me pareceria impossível: um vislumbre de letícia [nós podemos começar a perceber este vislumbre de letícia como experiência, usando a razão assim: não é que teve não sei que tipo de “arrebato”, simplesmente não ficou preso em um uso da razão como medida]. E uso essa mesma maneira razoável de olhar em relação ao outro [imaginemos nos relacionamentos de amizade, imaginemos entre marido e mulher], que é maior do que a reação em que o vejo se debater, do problema que tem, do erro que comete. Essa não é uma postura de bondade moral, é exatamente um juízo da razão. O mesmo acontece quando me deparo com a realidade que tenho em volta. Quantas vezes acontece de eu ver coisas que os outros não veem: o sol que se põe, uma senhora que tem dificuldade em subir no ônibus com o carrinho de bebê. Também neste caso, não é uma questão de uma certa moralidade, mas exatamente de uma razoabilidade. E então tudo começa a ter um peso, uma intensidade, uma capacidade de profundidade que torna tudo diferente”. E como podemos conquistar isso cada vez mais? O que torna isso possível? Esse despertar contínuo da razão por causa de um acontecimento que nos educa constantemente a usá-la desse modo, até que se torna cada vez mais minha, mais nossa. Então, quanto mais alguém sente isso, mais volta ao livro com isso nos olhos, com essa urgência de entender mais. Porque, então, lemos *O Senso Religioso*? Porque é ali que está escrito o que é a razão, o que é a razoabilidade, o que é a certeza. E aí podemos fazer a comparação. Mas podemos entender o alcance daquilo que lemos de maneira não intelectual, exatamente porque acontece. Então, a questão não é apenas nos darmos um tempo maior, mas é viver com essa intensidade porque é aí que nós aprendemos, não nas definições que todos sabemos repetir quase perfeitamente. Não nos tornamos menos racionalistas porque criticamos a razão (como demonstra Kant). Quem nos liberta do racionalismo? Quem nos educa a viver a razão segundo todos os fatores, a conhecer a realidade? Isso é o que Dom Giussani nos dizia: “Isso acontece através de um encontro, de um relacionamento”, não por causa de um esforço ou apenas lendo constantemente o livro. Assim como, apenas lendo os Evangelhos, nós não teríamos entendido tudo isso. Por quê? Porque apenas se vemos os fatos no presente podemos lê-los em toda sua profundidade. A meu ver, isso é decisivo para o caminho que estamos fazendo, senão perdemos aquilo sobre o qual Dom Giussani insistiu tanto: que o ponto de partida é o Acontecimento como método, e que esse Acontecimento (o encontro com a contemporaneidade de Cristo) potencializa a evidência elementar, potencializa o uso da razão, potencializa o senso do real, potencializa a liberdade, potencializa tudo. E isso é realmente decisivo porque senão, um instante depois do dia 26 de janeiro, já estaríamos desanimados, esperando a resposta apenas de um maior aprofundamento intelectual. Não! Porque se não usamos a razão de maneira sã, não quer dizer que devemos “aprender” melhor os conteúdos do livro, mas que devemos viver com simplicidade o Acontecimento cristão que nos permite usar a razão da maneira como Dom Giussani nos documenta.

Colocação: *Queria confrontar com você a última coisa que surgiu do trabalho de Escola de Comunidade e, depois, quero terminar com uma pergunta pessoal. O fato que me libertou foi o encontro com um colega que me contou sobre os problemas objetivamente sérios que tem com o filho (na minha opinião um pouco agravados talvez pela sua posição e de sua mulher): “Olha, nós consultamos muitos especialistas. Muitos nos dão definições e ninguém nos diz o que devemos fazer”. Diante da sua angústia, a primeira coisa que pensei foi: “Ele tem suas razões”, e ao mesmo tempo eu como que tentei, enquanto ele me contava, abrir os “arquivos” para encontrar frases que pudesse lhe dizer. Até que, a última conclusão que cheguei foi que o que me permitiu poder suportar o grito e o drama da vida não foi ter tido, de tempos em tempos, instruções de uso, mas aquele percurso que você continua a nos propor incessantemente, isto é, partir da minha*

humanidade assim como ela é e da realidade como possibilidade de conhecimento e de verificação da esperança que encontrei. Só através desse trabalho totalmente pessoal, no qual ninguém pode me substituir, posso reencontrar o único ponto que possui e realiza a necessidade que meu coração grita (seja nos momentos em que o drama urge ou nos momentos em que sou invadida por uma alegria profunda que percebo que não me dou e nem posso mantê-la). Disso, porém, surgiu uma série de dinâmicas que me mostraram que muito frequentemente nos relacionamentos, nas conversas normais entre nós, há o risco de olhar falsamente para a realidade como esperando dela algo resolutivo, isto é, que no fundo aquele fato do qual falamos seja algo que aconteça e deixe tudo no lugar e, por isso, de algum modo há sempre uma grande desilusão. Entendo que se também é verdade que nós podemos dizer com verdade que a realidade é Cristo, que nós experimentamos uma correspondência que nos faz dizer “Para onde iremos longe daqui?”, isso não nos impede de precisar refazer constantemente esse percurso.

Carrón: Não somos poupados: é a única condição que torna possível fazê-lo! Eu me explico? A maioria não o faz porque já está presa. Nada nos é poupado, como vemos: e sem a razoabilidade que nasce do Acontecimento, diante da morte ficamos bloqueados, diante das dificuldades ficamos presos, diante das circunstâncias ficamos parados. Qual é a diferença? Não é que sejamos poupados do trabalho da razão, mas nos aconteceu algo que ainda nos permite, apesar de tudo, fazer o percurso. Por causa de uma educação e daquilo que nos aconteceu, podemos realmente viver como homens com toda a exigência da razão, com todo o percurso da liberdade, viver a circunstância, não apenas suportá-la. Essa é a verificação da fé, porque sem Ele, nós apenas sonhamos com isso! Não significa que, pelo fato de termos encontrado Cristo, a vida nos seja poupada. Nada nos é poupado, e não queremos que nada nos seja poupado. Mas podemos olhar a realidade de frente, podemos usar a razão, podemos comparar, podemos entrar na realidade, podemos estar todos atentos esperando como Ele se revelará diante dos nossos olhos. Sem a experiência cristã, como vocês veem em volta, é impensável. Se cristianismo desaparece, desaparece o humano! Desaparece o uso da razão, desaparece o uso da liberdade, desaparece a comparação, desaparece tudo. Essa potencialização e excitação do humano é o que esperamos desse lugar. Eu disse muitas vezes que era grato a Dom Giussani, antes de mais nada, por isso: porque me permitiu fazer um caminho humano. Não é que eu não tivesse fé. Mas uma fé vivida assim, como ele nos testemunhou, é o que desperta toda a nossa capacidade humana, a razão, a afeição, a liberdade, a inteligência, tudo.

Colocação: *Tanto é que eu fui reler aquilo que você disse no dia 26 de janeiro, e tinha uma outra dimensão.*

Carrón: É esse o diálogo que devemos ter com aquilo que nos dizemos. Assim como ela releu e entendeu um pouco mais, assim, depois desse nosso encontro, podemos reler o capítulo sobre a razão, ou amanhã reler sobre a moralidade no conhecimento. É esse diálogo que não termina. O fato de ficarmos mais tempo sobre uma premissa não significa que a entendamos mais. Nós a entendemos mais porque vivendo e relendo, vivendo e relendo, finalmente experimentamos aquilo de que estamos falando.

Colocação: *Então a pergunta é: Por que essa coisa que você sempre diz – “Eu não quero ser poupado de nada” – sempre me incomoda um pouco?*

Carrón: Por que queremos ser poupados das coisas? Porque não sabemos como enfrentá-las. Mas quando alguém tem os instrumentos adequados, então deseja colocar a mão na massa. Tentem me dizer que não...

Colocação: *Talvez eu ainda não entenda tudo, mas...*

Carrón: Alguém que começa a estudar desse modo, como ouvimos antes da nossa amiga, quer ser poupado? Não, é o que desperta nela o desejo de estudar mais. Se tivesse começado a estudar desse modo desde o início, imaginem! Uma festa, mais do que suportar o estudo! E, assim, a vida, assim cada dia. Essa é a promessa. Mas se nós não experimentamos que a fé é para isso, que diacho nos interessa a fé? Se não é porque desperta em nós todas as nossas capacidades – a razão, a liberdade, a afeição, tudo, todo o nosso eu – e nos faz gozar a vida, não sei onde é razoável.

Colocação: *Uma coisa que entendo é que se existe uma humanidade assim, nada mais me interessa.*

Carrón: Exato. Então, quando temos uma humanidade assim não só não queremos ser poupados de nada, mas queremos entrar na realidade desse modo.

Colocação: *Quero contar o drama da morte do pai do meu marido. Foi propriamente a evidência da impossibilidade de fazer o coração calar e de não julgar. Meu sogro teve um acidente gravíssimo há duas semanas, foi reanimado, levado ao hospital e ligado a uma infinidade de aparelhos. Quando chegamos lá, antes de mais nada percebemos que no meio da tragédia estávamos tranqüilos, olhamos um para o outro surpresos, e entendemos que a origem vinha desse trabalho. Era impossível não julgar, não deixar o coração falar, porque foi uma reunião com toda a família e os médicos disseram de maneira muito incisiva: “Em uma hora vocês precisam decidir se desligam as máquinas ou não”, dando os critérios antes, mas de maneira muito dura, sem humanidade e isso gerou em toda a família uma repulsão a essa pressão. Por isso, ali, ficou evidente que devemos entrar na realidade e entender as razões daquilo que acontece. Eu fiquei tocada, porque essa família é difícil, no fim dessa reunião com os médicos também criou-se uma confusão. Meu marido pediu uma sala para a família se reunir e conversar. Eu olhei para ele e disse: “O que você está pensando? Não sabe como é sua família?”. Eu fiquei muito impressionada em ver meu marido tranqüilo nessa situação, e ele me disse que sem a consciência da presença de Cristo, sem a oração e a visível unidade entre nós dois, para ele teria sido impossível fazer isso. Quando ele me disse isso, pensei: “Sei por quê. Existe o Tu, a presença passou através da liberdade dele”.*

Carrón: O que você aprendeu com isso?

Colocação: *Pegávamos as anotações da Escola de Comunidade, relíamos, nos perguntávamos: “O que você disse, qual é o seu juízo? Por quê?”*

Carrón: Estão vendo? Quando a vida realmente urge, voltamos a tudo o que nos dizemos.

Colocação: *Exato, não podíamos desistir. Isso me tocou muito porque, no fim do funeral fizeram com que todos os parentes aspergissem o caixão. Quando foi a minha vez, a dor como que saiu quando olhei a foto que havia no caixão: nunca mais verei você. E naquele momento intuí o que quer dizer “ou Cristo ou nada”, e disse: “Obrigada Cristo que chegou a fazer isso, dar a vida por ele e por mim, para me salvar neste momento”, porque meu coração só pode permanecer aberto diante da morte, mesmo com essa ferida, se eu sei que Ele fez aquilo que meu coração deseja no fundo, e pensei que manter aberta a minha exigência diante de Cristo foi como pressentir que meu coração é Ele próprio e por isso não precisamos ter medo de nada. Chorava, mas estava feliz. Ao voltar para casa, o trabalho continuou.*

Carrón: Obrigado. Acrescento àquilo que você disse um texto de Dom Gius, de 1989 sobre Nossa Senhora, que um de vocês me sugeriu, porque podemos ver em ato o que significa o uso da razão. Intitula-se “Maria: fé e fidelidade”, e está na [revista Passos de junho de 2007](#): “Gosto de me identificar com esse momento, quando já não estava mais lá nem o Anjo nem qualquer outra coisa, e Nossa Senhora ficou ali, eu dizia, menina de 15 anos, sozinha, sozinha com aquele Acontecimento, que ainda não sentia, que não podia sentir dentro de si, mas que entendia, que entendera que havia acontecido e viria a se desenvolver. E ela podia pensar em seus pais, podia pensar em José, seu noivo, e nas pessoas, no que as pessoas iriam dizer: sozinha, sozinha, não havia mais nada em que se apoiar. Naquele momento, ela tocou o ponto culminante do que se chama “fé”: a fé. O maior produto da liberdade do homem diante do Infinito é a capacidade de ter fé, que é ver o Infinito, ver o Mistério dentro das coisas aparentes: pois, aparentemente, não havia mais nada, e no entanto ela acreditou, ela manteve a adesão à evidência que lhe havia acontecido, ela entendeu – e a isso aderiu – que dentro, por trás daquele silêncio aparente das coisas, o grande Mistério, pelo qual a humanidade fora feita, que até então todos esperavam de um modo diferente, especialmente o seu povo, havia acontecido. Ela entendeu isso e o aceitou, apesar das aparências. De fato, a fé, volto a dizer, é reconhecer a grande presença do Mistério, o mistério do Pai e o mistério de Cristo, Verbo feito carne, o mistério de Deus que se fez presente, identificando-se com a precariedade da matéria. Em seu corpo de menina extremamente jovem, de jovem moça, Deus estava presente; e naquele casebre, cheio de escuridão, Deus, a luz de Deus, estava presente. Ver Deus dentro, como

perspectiva: dentro das coisas, pois todas as coisas – ainda mais as que estão próximas de nós, ainda mais as que amamos – são um sinal, ou seja, a introdução à verdade, à verdadeira vida, à verdade e à vida, que é Deus, Deus feito homem, pois se fez carne dentro dela”. A fé é isso. Somente na fé a aparência das coisas é vencida (isto é, um uso da razão reduzida a medida). Que esse uso da razão possa se tornar familiar em nós, de modo que a aparência se transforme em primeiro convite para entrar no ser e chegar ao Tu! Cada um pode verificar quantas vezes nesses quinze dias usou a razão assim, olhando para a realidade, não imaginando-a, mas penetrando-a. É a isto que esse trabalho nos introduz, porque – como vocês veem – uma coisa é saber a definição de razão, outra é que isso se torne familiar na maneira de vivê-la. É aqui onde somos constantemente apoiados e desafiados pela contemporaneidade de Cristo, que nos arranca da nossa distração e nos facilita. E, então, podemos ver aquilo que Dom Giussani dizia de João e André: a razão que finalmente se torna si mesma.

Para continuar esse trabalho, no próximo encontro faremos o capítulo sobre a moralidade no conhecimento, naturalmente sem deixar de lado aquilo que vimos até agora. Nesse capítulo, que é a terceira premissa que Dom Giussani introduz, entra em jogo o conhecimento. Já dissemos nos últimos Exercícios da Fraternidade: a liberdade está sempre em jogo no conhecimento. Por isso, Dom Giussani diz que o coração do problema do conhecimento humano não está em uma particular capacidade de inteligência, mas na postura correta diante da realidade. Essa postura chama-se moralidade, que pode ser definida assim: o amor à verdade do objeto que quero conhecer maior que as minhas opiniões sobre ele. Ou, dito mais sinteticamente: amar a verdade mais que a si mesmo. Dom Giussani o resume no fim da p. 42: “ ‘Felizes os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus’. Quem é o pobre? O pobre é quem não tem nada para defender, quem é desapegado daquilo que parece ter, de modo que sua vida não é para afirmar a própria posse. A pobreza de espírito suprema é aquela diante da verdade, é aquela que deseja a verdade e só”.

Mas, como vivemos na história e somos cheios de preconceitos, cheios de imagens, cheios de uma crosta, atravessar essa crosta é um trabalho. Não gosto, não é imediato. Sempre me tocou o Primeiro parágrafo da terceira premissa: “O que pode persuadir a esta ascese, a este trabalho e treinamento? O homem, de fato, só é movido por um amor ou por uma afeição. É o amor que pode nos persuadir a esse trabalho para chegar a uma capacidade habitual de desapego das próprias opiniões e das próprias imagens (não eliminar, mas desapegar-se delas!), de modo a colocar toda nossa energia cognitiva na busca da verdade do objeto, qualquer que seja, é *amor a nós mesmos como destino*. É essa comoção última, é essa emoção suprema que persuade à virtude verdadeira”. Que coloca em evidência o amor ao nosso destino e o amor a nós mesmos.

Esta é a pergunta que sugiro, uma vez que mais uma vez é necessário partir da experiência: quando nos surpreendemos reconhecendo a incidência da moralidade no conhecimento? O que emerge das dificuldades que encontramos nesse uso da moralidade?